



COLONIA BRAZILEIRA EM PARIS: M.^{lle} Zuleika Vieira

2.^a série — N.º 478

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 19 de Abril de 1915

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA

Trimestre..... 1\$20 civ.
Semestre..... 2\$40
Ano..... 4\$80

Numero avulso, 10 centavos

Edição semanal do jornal O SEculo

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em Paris,
Rue des Capucines, 8

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, administração, oficinas de composição e impressão
RUA DO SEculo, 43



CARTUCHOS Para Rifles de Calibre 44



Como possuidor de um rifle interessa-lhe munição que conta com o apoio de um record dependível desde ha cincuenta annos.

Isso é o que se obtem quando se compram cartuchos calibre .44.

Todas as caixas de qualquer calibre que tenham a marca bolta vermelha Remington - UMC tem esta garantia de confiança e todo o apoio.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:
No Sul do Brazil: LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro
No Território do Amazonas: OTTO KUHLEN
Caixa Postal 20 A.
Mandau

Agencia em Portugal: G. Heltor Ferreira, L. do Camões, 3, Lisboa.

AS RUGAS PODEM REMOVER-SE Particulares livremente oferecidos d'um Novo Processo Secreto

Existe vossa nítida e moçada bem demora; obtende o Processo Secreto de Madame Lyran; seguide á risca as indicações que acompanham a norma do tratamento a as vossas rugas, linhas, e pés de galinha nas faces, rapidamente desaparecerão deixando a pele firme, clara, e aviludada. Este novo processo é um mui simples tratamento caseiro, mas eficaz, que qualquer senhora, ou até o abhecimento das suas intimas amigas. Espe tal oferta: as primeiras 200 senhoras que tiverem d'ele encomenda, Morada: Madame Lyran (Suite 6009), Queen Anna's Chambers, Londres, S. W. 1, Inglaterra.

TELEPH. N.º 2638
PERFUMARIA
ROSA D'OURO
COLONIAL
SORTIMENTO
Rua do Ouro, 281 JOAQUIM H. ALVES
LISBOA

SELLOS DE CORREIO
CATALOGO GRATIS E FRANCO
Remittam-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

FOTOGRAFIA

Renlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre - PARIS

TELEFONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

O Seculo Agricola

SEMANARIO ILUSTRADO de ensino pratico de agricultura, jardinagem, criação de animaes, etc.

PREÇO. 20 REIS CADA NUMERO

Resposta a consultas; prestação de serviços técnicos: analises e informações

FOR ASSINATURA: Trimestre, 25 centavos

A MAIS BARATA PUBLICAÇÃO DO GENERO

PARA ENCADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o **SEGUNDO SEMESTRE DE 1914**, da *Ilustração Portuguesa*. Dezenho novo de ultimo effeito.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Enviaem-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SECULO" - Rua do Seculo, 43, Lisboa

REMEDIO FRANCÊS

XAROPE FAMEL

CURA INFALLIVELMENTE
BRONCHITES
Mesmo Chronicas

**TOSSES
ASTHMA**

FRASCO 1 ESCUDO

Em todas as farmacias ou no deposito geral
J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, Lisboa
Franco do porte compranda 2 frascos.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 477

19-4-1915

Um ato nobre

Ha dias, um pequeno navio portuguez, o «Douro», atravessava pacificamente o mar. Vinha de Cardiff, com carga de carvão, e demandava o Porto. Era uma casca de noz, um ponto negro, — um pobre barquito veleiro, inofensivo e minusculo. Bastavam nove homens, nove bons varinos



de Ilhavo, para o manobrar e conduzir. Bastava um sopro d'aragem para o levar, oceano fóra. la entregue a Deus. la

confiado no seu destino. la seguro da sua propria fraqueza. Pois bem: no alto mar, um submarino alemão distingue-o, visa-o e torpeda-o. A pequenina carcassa vacila, bordejia e afunda se. Salvam se os homens. Perde-se o barco. — Ainda ha quem duvide de que a marinha alemã cometeu um ato nobre, generoso e heroico?

Poetas-paranoicos

Alguns rapazes, com muita mocidade e muito bom humor, publicaram, ha dias, uma revista literaria em Lisboa. Essa revista tinha apenas de notavel a extravagancia e a incoerencia de algumas, senão de todas as suas composições. Como a recebeu a imprensa diaria? Com o silencio que merecia? Com as duas linhas indulgentes e discretas que é de uso consagrar ás singularidades literarias de todos os moços? Não. A imprensa recebeu essa revista com artigos de duas colunas, — na primeira pagina. A imprensa fez a essa revista um tão extraordinario réclame, que a primeira edição esgotou-se e já se está a imprimir a segunda. Ora semelhante atitude está longe de ser inofensiva ou indifferente. Em primeiro lugar, consagra uma injustiça fundamental; em segundo lugar, favorece



e prepara uma seleção invertida. Eu bem sei que o réclame a certas obras é ás vezes feito á custa da veemente suspeita de alienação mental que pesa sobre os seus autores. Mas n'este caso, como em outros muitos, é justo confessar que os loucos não são precisamente os poetas, mais ou menos extravagantes, que querem ser lidos, discutidos e comprados; quem não tem juizo, é quem os lê, quem os discute e quem os compra.

Eva gatuna

Nós estávamos costumados a ser roubados por ladrões. Vejo agora, com manifesto agrado, que

começamos a ser roubados por ladras. D'antes, os gatunos de «golpe», de «mosco», de «esticão», e outros profissionais illustres da arte de furtar, eram homens de barba na cara. Agora, são mulheres, mais ou menos bonitas, mais ou menos novas, mais ou menos intactas, mais ou menos mulheres, — mas mulheres, em fim. Seria precisa muita avontade, para não reconhecer



n'este facto uma afirmação de progresso. Já muitos gatunos se tinham lembrado de pôr ao serviço do roubo a gazua, o escopero, o pé de cabra e a chave falsa: nenhum se lembrára ainda de utilizar a mais terrivel arma de que pôde servir-se o furto: a sedução. Ora eu não conheço, felizmente, as qualidades de sedução e de encanto de que podem dispôr a «Trailheira» ou a «Maria Rapaz», a «Elvira da facada» ou a «Malinha do Chiado»; mas não me repugna acreditar que terão a voz muito mais doce, a pele muito mais fina e a mão muito mais leve do que o «Cão ladriho» ou o «Capoeira II». E — que demonio! — se sempre temos de ser roubados, que o sejamos, ao menos, o mais agradavelmente possível.

As Sete Palavras

Na semana santa, quando as oiaças e os altares se vestiam de róxo, uma illustre senhora, que é uma poetisa admiravel, publicava, em sete sonetos, as «Sete Palavras» de Cristo. Em geral as orações, em portuguez, são feias, áridas, inexpressivas, mal



escritas. Só se tornam verdadeiramente belas, como a «Ave Maria» de Gil Vicente, quando um grande artista as toccou. Ao lêr os sonetos da sr.ª D. Maria de Carvalho, verdadeiras orações onde um nobre talento palpita e resplandece, senti o perfume de devoção que se desprendia d'elles e tive vontade de beijar a mão gentilissima



que os escreveu.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

o aboletado



ERA uma família de pai e filho, Hubaldo Ostade e Gúdula Ostade.

O escritório alemão fornecedor de drogarias e farmácias em competência vantajosa com as fabricas de produtos que nicos nacionaes, no bairro comercial de Bruxelas, isto é, na cidade baixa, acabava de fechar, declarada a guerra.

Hubaldo Ostade, antigo gerente da casa onde passára vinte anos da sua vida, ficára sem pão.

As drogas, que melhor distinguia entre si que os proprios dedos, eram a sua especialidade; mas as industrias de toda a especie paralisaram e Hubaldo não achou colocação.

Abalado fundamente pela morte recente da esposa com quem passára a mocidade no mais amavel convívio, a invasão do seu paiz que tanto amava, agora a perspetiva da miseria, tudo influiu terrivelmente em Hubaldo acordando n'ele a hereditariedade, nevropatica. Infelizmente, por vezes intratavel, outras d'uma docilidade infantil, já se mostrava d'uma alegria exuberante, já taciturno, abatido, preocupado da saúde, chegando a ter medo de andar, julgando cair a todo o instante. E a marcha hesitante viera juntar-se um certo tremor na voz que lhe dificultava a palavra. N'uma progressão rapida seguiram-se falhas de memoria, ausencias de personalidade, substituições com idéas de grandeza, uma exaltação que contrastava com o tom apagado da sua fisionomia, tudo cortado de grandes intervalos de normalidade que a ninguém deixariam adivinhar a alteração dos órgãos nobres do infeliz.

A filha, compleição delicada mas sã, formosura perfeita de corpo e de alma, vinte anos incompletos, espirito ponderado e genio meigo, educação esmerada, era a luz dos olhos do pobre Hubaldo nos seus largos períodos de lucidez.

Servidos por uma criada do tipo vulgar, viviam os dois n'uma pequena casinha irreprensivel de acao, com uma varanda florida, situada n'uma das ruas mais sós do bairro comercial da cidade, perto do escritório onde Hubaldo consumira o melhor da sua existencia, gerindo os negocios da firma que tanto acreditára e que acabára no inicio da guerra locupletada de capitais, deixando o que a tinha engrandecido votado a todas as desditas, a começar pela fome, sem um misero subsidio para a inabilidade na hora tragica em que o flagelo da guerra, desencadeada no paiz, agravava todos os males.

A doença prolongada da esposa, a tuberculose chronica, fôra o sorvedouro de quantos lucros, ordenados e percentagens, Hubaldo podéra auferir nos ultimos anos.

Objetos de valor tinham desaparecido todos, vendidos ou empenhados. Onerados ainda ao tempo na farmacia, na mercearia, Gúdula fazia verdadeiros prodígios na administração da casa para ir amortizando todos os mezes as contas em atrazo, um pouco a um, um pouco a outro, até lhe serem cortados de todos os viveres.

No começo de setembro, o ultimo anelito de Gúdula, uma medalhinha de ouro que trazia ao pescoço com o retrato da mãe, o relógio da casa de jantar, a maquina de costura tudo tinha saído a pouco e pouco.

Gúdula responderá a todos os anuncios que pediam empregadas de escritorio, governantes de crianças, mestres de linguas, floristas, costureiras.

Quando chegava logo de manhãzinha aos locais indicados, a chusma dos pretendentes era tal que já não havia lugar para a maior parte.

Uma manhã, farta de subir escadas em vão, exausta de forças, perguntava á criada ao regressar a casa:

— Está tudo pronto, Joana?

— Tudo quê? retrucou esta com modo insolente.

Gúdula reprimiu um suspiro, refletiu que lhe devia dois mezes de ordenado e respondeu com brandura:

— O almoço, pois que havia de ser.

— O almoço! O almoço, essa não está m'! No talho não quizeram fiar o bife para o seu pai. O padreiro diz que sem lhe pagarem o pão da semana passada, não deixa ficar mais. Na tenda é a mesma historia. Que queria

que eu fizesse? Sempre julguei que trouxesse e alguma cousa de fóra para o almoço. Olhe, sabe que mais, estas cenas já me vão arreliando. Para passar mal passo na minha casa. Se a menina me pagasse as minhas soldadas, já era uma boca a menos.

Gúdula enguliu a afronta até ao fim e contemporisou com uma promessa de pagamento logo que recebesse dinheiro, o que foi acolhido com outro ultrage.

— Dinheiro já a menina o teria se quizesse. Não seria eu que me ralaria com taes canceiras, passando necessidades, se tivesse assim um palminho de cara.

Gúdula teve medo de comprehender. Mas desviou-a da passagem com repulção dizendo-lhe:

— Saia d'aqui, mulher.

— Pois sim, sim, foi Joana resmungando. — Faze-te de manto de seila que te ha-de durar muito.

O passo leve de Gúdula entrando na sala de jantar não passou desaperecido ao pai, sentado junto da varanda toda entrelaçada de verdura, como era seu costume mal luzia a aurora.

— Meu paisinho disse Gúdula beijando-o carinhosa — ralhe comigo. Saí sem me lembrar de determinar o almoço e agora é tão tarde que já não ha carne no talho. Vae ficar mal sem o seu bife. Mas olhe, o pae gostava tanto d'uma sopa de conchros que eu lhe fazia. . . temo-los all tão frescos n'um vazo. . . a sua Gúdula vae fazer-lhe uma sopa muito bem feiinha e o pai fica assim por hoje. Poderemos jantar mais cedo não é verdade?

— E olha que gosto bem d'essa tua sopa — replicou Hubaldo com alegria infantil. — Como depois um pouco de queijo e tomo uma chavena de café . . .

— Sim, parece-me que ha algum queijo.

— Jantarei melhor se o não houver. O jantar é que te recomendo porque temos hospedes.

— Hospedes? Que hospedes, pae? — perguntou Gúdula assustada, prevenido algum desatino de Hubaldo.

— Hospedes não, um hospede. Um dos voluntarios que encontrei na tabacaria onde fui na tua ausencia e sem dinheiro por sinal. O que vale é que todos me conhecem. Ah! minha Gúdula, que orgulho tenho em sermos ricos para poder oferecer a nossa casa aos defensores da nossa patria — continuou Hubaldo com exaltação. — Imagina que falei com muitos voluntarios estrangeiros, que veem combater pela nossa querida Belgica, francezes, italianos, de varias nações. A' entrada da tabacaria deu-me esta fraqueza de pernas que conheces. Cairia se me não amparasse um mocetão de belo aspeto, muito simpatico, um dos voluntarios que procuravam informar-se ali sobre os alojamentos que poderiam encontrar na cidade em particulares, enquanto não conseguem juntar-se aos combatentes. Se tivesseis mais casas — continuou o infeliz na mais completa inconsciencia tel-os-ia alojado todos. Que diferenca nos faz isso a nós! Como só posso oferecer o meu quarto, propuz ao tal rapaz aboletado em nossa casa. A principio aceitou para pagar. Mas fiz-lhe ver que não precisavamos do seu dinheiro. Seria uma indignidade deixar pagar hospede a quem que veem defender-nos. E convenci-o a aceitar um aboletamento de favor. Vem hoje.

— Gúdula deixára expandir-se a loquacidade de seu pae sem o interromper, mas cobrirá-se de suor frio á medida que ele proseguia.

Era impossivel de remediar a quele disparate.

Hubaldo impressionado com o semblante da filha teve um lampejo de razão.

— Isto não te deve causar transtorno, pois não é verdade? Onde comem dois comem tres. Eu é que tambem já tomaria alguma coisa — concluiu Hubaldo timidamente.

Gúdula, como um automato, foi colher os coentros, migou os pedaços de pão duro que ponde encontrar e preparou a sopa de que constava o almoço n'uma especie de embrutecimento de que não conseguia tirar-lha a tagarelice de seu pae, girando sempre em torno d'ela, referindo as peripecias do encontro, e sugerindo disposições luxuosas para receber confortavelmente o hospede de que ele queria considerar o seu aboletado e ao qual cederia o seu quarto.

Finda a triste refeição, Gúdula mandou fazer as alterações precisas para receber o estrangeiro que tão pouco a proposito seu pae atrairia para casa e, fechada no seu quarto, procurou mais uma vez o jornal do dia em busca de anuncios a que podesse responder. Recordou ainda tres e saiu sem prever d'onde lhe proviria dinheiro para o jantar.

O unico pedido que lhe sorriu era para praticante de escritorio. Apresentou-se. Fizeram-lhe escrever uma carta comercial como experiencia. Gúdula ignorava a lingua-gem tecnica. Foi regeitada.

o segundo era focar piano n'um café durante duas horas todas as tardes.

Apareceu-lhe um homem bojudo, de faces rubicundas e olhar amortecido, para a ajustar. Era já meio «tocado», que lhe volveu um olhar cupidio e acolheu a sua estranha formosura com um gracejo torre.

Gúdula, espavorida, só se julgou em segurança no extremo oposto da rua.

Restava o ultimo anuncio, um modelo para pintor. Se este não desse, faltar-lhe-ia a coragem de to. Queriu morrer.

Era n'um bairro afastado, um palacete elegante. Fizeram-na entrar para uma salinha de espera, onde lhe appareceu um homem novo, de olhar bondoso e modos corteses, que a mirou dos pés á cabeça, acabando por exclaimar com ar satisfeito.

—Achei finalmente.
Gúdula esperou.

O artista continuou a observa-la em silencio.

Visivelmente enleada com este exame, Gúdula decidiu se a perguntar cheia de rubor.

- Que é preciso fazer?
- Nunca serviu de modelo?
- Não, nunca.
- Tanto melhor. Podemos ter já hoje uma sessão.
- De quê?
- Um esboço de cabeça simplesmente, por hoje.

O rosto da pobre rapariga desanuviou-se. Previa coisas horríveis e dissipava-se a sua previsão.

- A'manhã tambem serei precisa?
- Sim, amanhã começaremos a figura que me feita, a «Candura», n'um grande quadro que quero expor este inverno. E' uma pose de nú, mas não se aflija com isso. Os artistas não são homens. Só vêem o que ha de ideal na forma, como os medicos nos órgãos só vêem as lesões.

Este frio raciocinio dissipou um pouco as apreensões de Gúdula, cujas circunstancias desesperadas obrigavam a encarar a horrivel contingencia de se despojar das suas roupas intimas diante de um homem.

Gerardo Maus, o pintor illustre, estava tão satisfeito, como artista, com o seu modelo, que, conhecedor do mundo como era, e vendo diante de si a genuina imagem da Candura, que procurara em vão, não queria atemorisal-a melindrando-lhe susceptibilidades.

—Vamos então esboçar a cabeça para se habituar á pose. Mas primeiro dir-lhe-hei as minhas condições. Tenho urgencia do meu trabalho, que pago bem e adiantado, concluiu ele metendo a mão no bolso.

Gúdula recebeu algumas moedas de ouro com grande

surpreza sua e sujeitou-se á pose com a maior docilidade.

A's sete horas a mesa estava posta com tres talheres. Enquanto seu pae conversava na casa de jantar com o estrangeiro, Gúdula cosinhava rapidamente dois pratos da sua maior competencia que tinham o mais appetivel aspeto quando a criada os pôz sobre a toalha alva de neve. Tal qual como estava, faces afoegadas pelo calor do lume, olhar vago e fatigado, depressão fisica da pessoa que trabalhou um dia inteiro privada de alimento, grande avental caseiro, Gúdula veio sentar-se á mesa entre o pae e o hospede, absorvida pelas suas responsabilidades de chefe de familia que lhe impunha a perturbada mentalidade de seu pae, dissimulada habilmente pela piedade filial com a mais submissa veneração, ao mesmo tempo extenuada pelas emoções deprimidas d'um dia que contára para ela por dez anos de vida.

Não se entusiasmando facilmente, todos os elogios que seu pae fizera ao estrangeiro tinham sido postos de remissa, e era pela attitude d'este, singela e correta, que a discreta rapariga ia fazendo o seu juizo, sempre, como a proposito de tudo, reservada.

Demorando-se todos á mesa depois do jantar, Gúdula teve ensejo de ouvir, sem fazer perguntas, que o seu hospede era oriundo d'uma provincia do norte de Portugal, onde possuia propriedades administradas por um feitor, que se chamava Antonio de Vasconcelos, que tendo ido á Suissa acompanhar um irmão ao sanatorio de Davos, fôra surpreendido longe do seu paiz pelo desencadeamento rapido da guerra, que não viera por ardor be'icoso, mas por sede espiritual de justiça, collocar-se ao lado dos que se desafrontavam de toda a especie de ultrages n'uma luta sem treguas contra a horda de barbaros que de novo pretendia avassalar o mundo, deixando no seu rasto a ruina e a morte. Encontrárase com muitos outros homens de varias nacionalidades, todos animados de eguaes sen jimentos, os quaes tinham chegado n'esse mesmo dia a Bruxelas e deviam fazer parte d'um corpo já organizado, o batalhão de voluntarios estrangeiros, e que, em tres ou quatro dias, partiam para os campos de batalha.

Tudo isto fôra dito com simplicidade, sem bravatas de valentia, sem propalacias de vaidade, com mascula energia no semblante e uma suavidade penetrante no olhar com que se dirigia a Gúdula.

Era já tarde quando cada qual se recolheu aos seus quartos, Hubalda presa de maior confusão de idéas pela excitação da conversa, com a lingua completamente paralisada em tremores estranhos. Antonio de Vasconcelos fiandamente impressionado pela formosura e descrição de Gúdula, tocado de aquele quadro de desgraça em que se lhe desenhára nitidamente a demencia de Hubalda, aperecebendo-se da miséria que existia na casa do homem que de manhã lhe descrevera a sua existencia desatofogada de capitalista. Todas estas considerações o tiveram desperto durante a noite e o fizeram saltar do leito com a cabeça em fogo mal amanehecer, levando-o á casa de jantar onde abriu a porta da varanda para expôr a frente ao ar puro da madrugada.

Pela sua parte, Gúdula, n'um desasocego inexplicavel, não tinha posição; e só de madrugada fechou os olhos caindo n'uma modorra povoada de pesadelos horríveis,



imagens de guerra, lutas corpo a corpo de homens fardados, que tinham todos, mais ou menos desfigurados, as feições de Antonio de Vasconcelos e de Gerardo Maus, fúrias monstruosas com o parecer carregado de Joana, que lhe arrancavam as roupas e a expunham despidada n'um grande salão onde toda a gente vinha admirar-a pregada à parede.

Es as visões do dia, com as suas idéas associadas, interferindo n'uma incoerência extrema, davam a este sonho uma mobilidade aflitiva de caleidoscopio que a deixou com os membros despedaçados ao despertar e uma opressão enorme.

Entrando na casa de jantar estranhou a ausencia de seu pae, que conservava o antigo costume de se levantar ao romper do dia. Junto da varanda viu Antonio de Vasconcelos, que lhe veio ao encontro.

No seu olhar lia-se-lhe uma firme resolução.
— Preciso de lhe falar n'um assunto muito sério— disse- lhe estendendo-lhe a mão.

— Então aqui estou para ouvir.

— Peça-lhe toda a atenção e toda a franqueza, porque, pela minha parte, vou falar-lhe com toda a sinceridade da minha alma. Desde que a vi, desde que falei consigo, tive a convicção de ter encontrado a mulher que escolheria para esposa. Sou muito firme nos meus propósitos, e desejo saber com o que posso contar. Devo partir dentro de tres ou quatro dias para a guerra. Se é livre, se também me quer, casaremos antes da minha partida, fal-a-hei sair para Portugal com seu pae e esperará o meu regresso na nossa casa. Se me disser que tem o coração preso, sairei d'aqui hoje mesmo, com a alma dilacerada. Mas não se decida por compaixão por mim. Am'or não lh'o peço desde já. Eu saberei inspirar-lh'o se esse sentimento ainda não desabrochou na sua alma. Como a extio é como uma tabua rasa onde eu possa gravar as formulas do meu culto. Diga-me lealmente: é livre?

— Sou.

— Posso então esperar?

— Permita-me que reflita— respondeu Gudula baixando a cabeça para evitar o olhar indagador de Antonio de Vasconcelos.

— Até quando?— perguntou este tristemente.

— Até...

— Menina menina, o pai está mal— gritou Joana.

Gudula correu ao quarto em que seu pai se acomodara e debruçou-se sobre o leito onde o infeliz Hubaldão jazia em coma apoplectico e resfolegava com respiração estertorosa.

Prevenida pelo medico da possibilidade do accidente, nem por isso o quadro foi menos agustioso para a desditosa rapariga.

Na casa de jantar onde Antonio de Vasconcelos esperava na maior inquietação, Joana entrou a pôr a toalha para o almoço.

— Então o seu patrão?— perguntou ele, esperando algumas informações, que o tranquilisassem.

— Aquilo vai-se embora. Também é um descanso para a filha.

Que agora não tenho dó d'ela. Já arranjou alguém.

— Que diz, mulher?

— Que as coisas já não vão tão mal. Hontem de manhã não havia um pão em casa. Mas ela lá se demorou por fóra e veio com muito dinheiro em ouro. Aquilo foi algum ricasso com certeza... Ah! que se eu tivesse uma cara assim...

— Você é uma vibora, mulher!— bradou Antonio de Vasconcelos fóra de si, agarrando-a por um braço. Quem lhe dá o direito de inventar essa infame calúnia?

— Ora, tomo-o eu! E o senhor largue-me o braço quando não eu grito, ouviu.

Pelas duas horas da tarde, Gudula com o coração a transbordar de amargura, entrou no quarto de seu pai, agora occupado pelo estrangeiro Antonio de Vasconcelos, que saíra desorientado depois da cena com a criada.

Gudula apoiou os braços á beira d'um guarda-fato antigo sobre o qual estava um retrato de sua mãe n'uma moldura de prata cinzelada, unica joia de que a extremosa filha não quizera separar-se, e cravou por instantes os olhos nos da sua querida morta. Um sobresalto convulsivo abalou-lhe todo o corpo n'uma explosão de choro que não tinha fim. Gradualmente foi acalmando.

— Os artistas não são homens— murmurou ella baixinho.— Só vêem o que ha de ideal na fórma como os medicos, nos orgãos, só vêem as lesões.

Hontem parecia-me isto verdade... Não me revoltei. Hoje... ha em mim uma coisa nova, o quer que seja de sagrado, que eu não conhecia d'antes, a custodiar. Não posso, não posso! Ah! mas o dinheiro? Já não tenho o dinheiro todo para o restituir. Não me resolves isto querida mãe? Que posso eu fazer?

Os olhos de Gudula, como guiados pelos da morta que a sua supers'ição evocara, fixaram-se na moldura. A idéa que lhe despertou na mente como uma inspiração, fê-la soltar um suspiro de alívio. Voltou o quadro, tirou-lhe a fotografia, embrulhou cuidadosamente a moldura n'um papel fino que tirou da gaveta do movel, tomou outra folha de papel e escreveu a Gerardo Maus, pedindo-lhe que a desligasse do seu compromisso e que accitasse como penhor da quantia que faltava no seu salário de modelo a moldura de prata que ella resgataria o mais breve que podesse.

Relia ainda a carta quando sentiu um leve ruído atrás de si. Voltando-se viu Antonio de Vasconcelos que voltára a casa mais sereno, e julgando o quarto desabitado entrára.

Deparando com Gudula a desfazer-se em prantos, sentira-se movido pela mais profunda piedade e aproximara-se de mansinho, confiado ainda na sua honestidade.

Fitaram-se os dois.

Gu lula, já me pode dar uma resposta?

— Posso— respondeu ella com meiguice— serei sua mulher.

Uma nuvem sombria toldou o semblante de Antonio, que perguntou.

— A mulher não pode ter segredos para o marido, não é assim?

— Não deve.

Antonio de Vasconcelos hesitou um momento como se lhe custasse o que ia dizer.

— Ha um dinheiro cuja proveniencia eu queria conhecer a fundo...

— Leia— disse Gudula apresentando-lhe a carta aberta ainda.

O retrato da morta foi reintegrado na sua rica moldura. A' hora da pose Gerardo Maus recebeu a quantia que na vespera entregara a Gudula e a carta, que Antonio exigiu fosse assinada por Gudula de Vasconcelos.

Março—915.



A. C.

CONGRESSO EVOLUCIONISTA

No teatro Politeama realizou-se o Congresso do partido evolucionista, que esteve muito concorrido. Resolveu-se dar o apoio do partido ao governo presidido pelo sr. Pimenta de Castro.

O sr. dr. Antonio José d'Almeida passou em revista os principaes atos do seu partido, pon-do bem em relevo que se tem sacrificado pela Republica, a qual continuará a merecer-



O sr. dr. Antonio José d'Almeida discursando

lhe o seu mais carinhoso afeto. Ninguém pôde pôr em duvida as suas palavras, que já desde o tempo da monarchia foram sempre de amor ás instituições republicanas, como as unicas que podem salvar o paiz. E a salvação d'este está na pacificação da familia portugueza, motivo porque o partido dá o seu franco

apoio ao governo do general sr. Pimenta de Castro.



Um aspêto da sala do Congresso—(Clichés Benolle)

A MOLEIRINHA



—Moleirinha, que fazer
Assim vais tão apressada?
Adeus, senhor, vou moer,
Eu vou moer a fornada.

—Não estejas a mentir,
Que eu vi-o em baixo a esperar.
«Pois o senhor quer-se rir!?
Não me posso demorar.

—Moleirinha d'olhos belos,
Ai que ele vae-te enganar!...
«Mas sempre tendes uns zelos,
Que, ouvindo, haviam cuidar...

—Que era mui amigo teu.
O lindo cabelo d'ouro...
«Oh! foi o que Deus me deu!...
E' meu unico tesoiro.

D'olhos pureza perdida
Tão limpo azul dos ceus...
«Tenho pressa ai que vida!...
Meu senhor, adeus, adeus!

Eras d'antes folgazã,
Sempre cantar e dançar
Toda a tarde e d' manhã;
Agora estás a chorar.

Pelas papoilas dos prados,
Teus cabelos fios d'ouro,
Já não trazes enfeitados;
Iorque occultas teu tesoiro?

Teus olhos cheios de ardor,
E de puro azul do ceu,
Embaciados, amôr;
Que desgosto foi o teu?

Vem contar-me a mim sómente
A causa do teu soírer,
A minha alma também sente
Um desgosto de mulher...

«Olhai, senhor, para além!...
—N'um berço, uma creancinha...
«Da desgraçada sou mãe!...
— Ai certa vêz, moleirinha!...

Não mais cantas moleirinha,
Fassas assim vida inteira,
Vendo moer tua farinha,
Tão triste d'essa maneira?

Varzea—Arouca—28—VII—1913.

ANTONIO TOMAZ D'ABREU FREIRE
D'AZEVEDO BOURBON.

Recebemos uma nova afronta dos alemães. O lugre «Douro», de 248 toneladas, vindo de Cardiff, carregado de carvão, para o Porto a cuja praça pertencia, foi metido a pique por um submarino alemão sem a menor dúvida de que atacava um navio português.

Não estamos em guerra com a Alemanha, retraino-nos



invadem as nossas fronteiras de Africa e matam-nos dezenas de soldados, metem os nossos navios a pique e só falta, para que nos façam a guerra em todos os campos, que os seus «Taubes» e os seus «Zeppelins» venham deitar uma dúzia de bombas sobre Lisboa e Porto. Eles hostilizam-nos sem ruído n'um



1. Sir Artur Paget, chefe da missão militar britânica na Rússia, que assistiu à última fase do cerco de Przemysl e la sendo vítima da explosão de uma granada—2. O estado maior austriaco feito prisioneiro pelos russos em Przemysl. (Cliches: M. Branger).

mesmo de entrar n'ela pondo-nos ao lado da nossa grande aliada e amiga, a Inglaterra, mas os alemães

reconhecimento implícito de que os dois países estão de facto considerados em guerra, e nós conservamo-

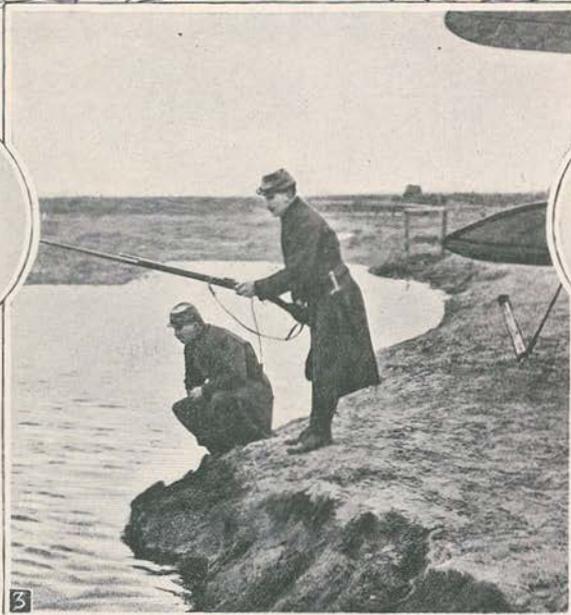
nos n'esta atitudo que nem já se pôde disfarçar com pre-

em que se presente uma tremenda modificação no mapa



1 O general French, comandante em chefe do exercito Inglez em operações na França e na Belgica

textos de neutralidade, nem com quaesquer outros com que ainda se procure velar a figura que estamos fazendo. Se os povos de acanhados limites territoriaes se não mostram, n'esta gravissima conjuntura em



3

3 Sentinelas francezas, ao norte da França, que empregam o tempo do descanso pescando á linha, servindo-se das espingardas em vez de cana



2 O general Gallieni, chefe do campo em rincheiro de Paris

da Europa, como se mostrou a Belgica, valentes, briosos e solidarios na luta da liberdade contra a tirania, ail d'eles na hora suprema da liquidação de responsabilidades e da fixação de novos limites!



4

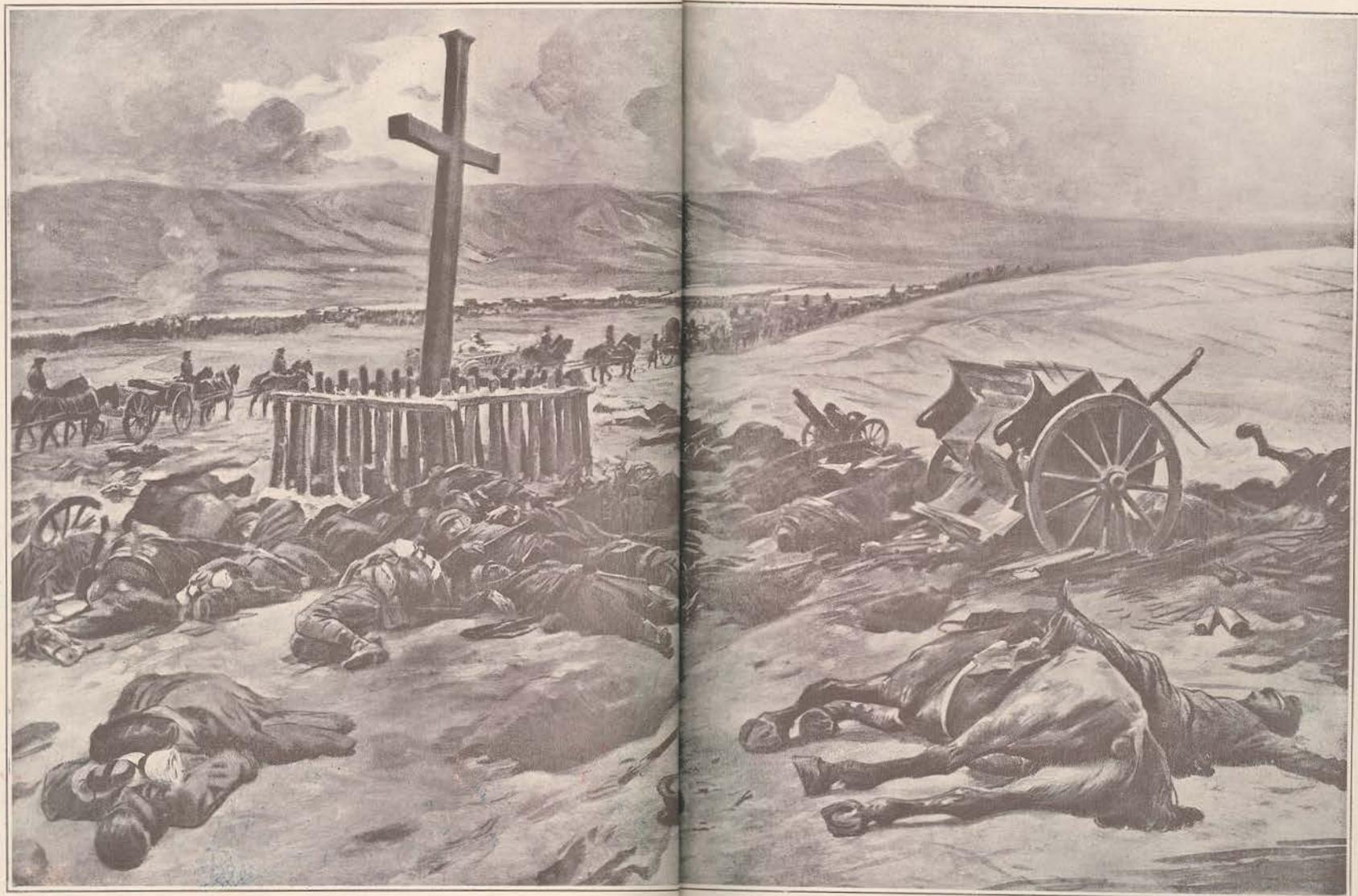
4 Em Neuve-Chapelle: O principe de Galles visitando uma das trincheiras da primeira linha

AVIÕES FRANCEZES SOBRE FREIBURG



Aspecto do ataque dos aviões francezes á cidade de Freiburg, onde causaram grandes estragos, vindo-se um dos aparelhos contornando a torre da catedral com uma manobra admiravel.

Sobre os campos ensanguentados da Polônia



Verdadeiramente lugubres e dolorosos são alguns aspectos colhidos pelos fotografos e desenhadores nos campos de batalha da linha occidental, mas quasi nun-

ca atinge a pavorosa extensão dos que nos são enviados pela reportagem do oriente. Nas margens do Vistula então, onde as grandes obras de fortificação que pa-

reciam inexpugnáveis, vão cedendo deante das investidas russas, presenciavam-se depois dos combates grandes e horríveis cobertas de corpos de homens e de ani-

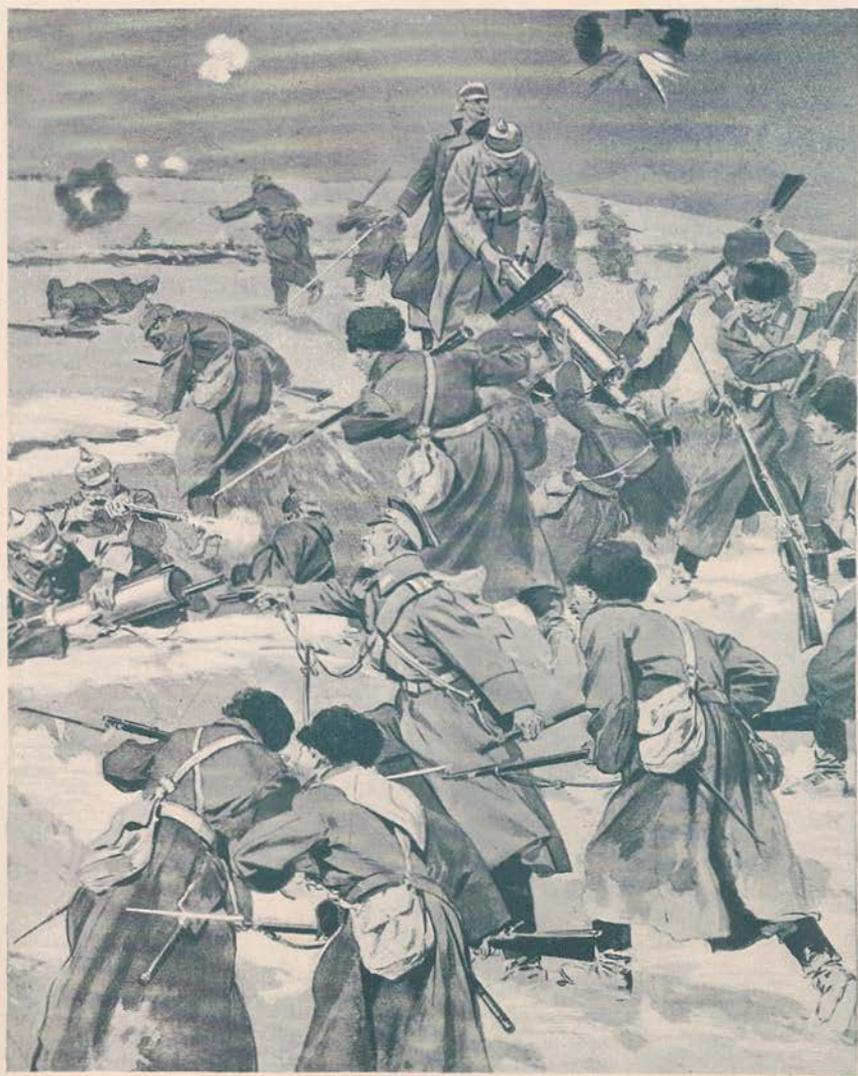
maes que fazem arripiar até os que andam encolhidos n'essa inacreditavel chacina que tantas vezes assume a sanha de animaes ferozes.

COMBATE EM QUE OS SOLDADOS PARECEM SOMBRAS



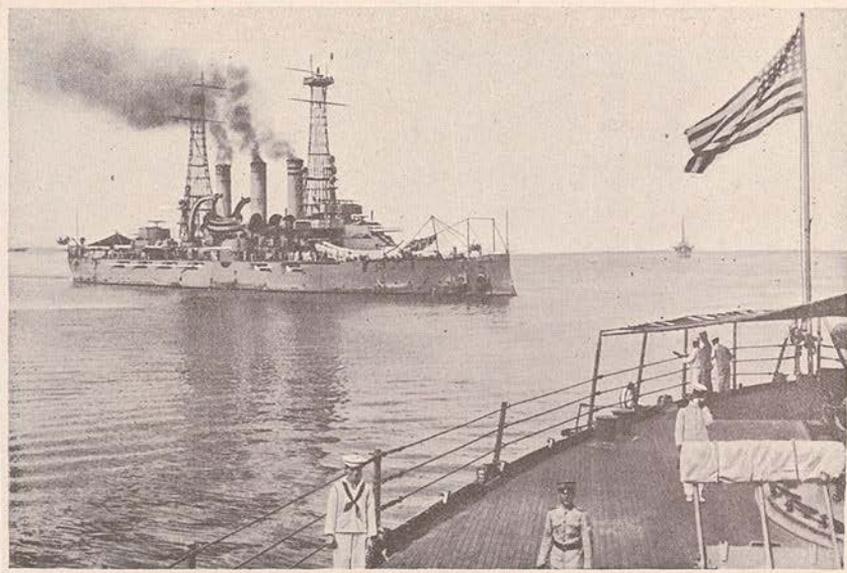
Esta página representa o que se pôde vêr, ao longe, || Efetivamente toda essa gente move-se vaga e caprichosamente sobre a neve entre russos e alemães.—(*The Illustrated London News*).

OS SOLDADOS QUE PARECIAM SOMBRAS



Como se viu, a pagina anterior representa o aspéto de um combate na linha oriental, entre alemães e russos, visto a grande distancia por meio de um oculo. Os soldados que se movem e baralham n'uma refrega medonha dão a impressão de sombras que se agitam. Por mais que procuremos detalhes para fazermos uma idéa aproximada das circumstancias em que lutam, não os desco-

brimos; mas faz-se uma verdadeira idéa do que se lá passa, com a ampliação, dada n'esta pagina, d'um trecho d'aquelle combate. Defrontemos as duas paginas, estabeleçamos a correspondencia entre as figuras e os grupos e veremos com interesse a materialisação, por assim dizer, d'aquellas sombras, das armas de que se servem e: do furor com que se atacam.



Um couraçado americano. — O conflito iminente entre a China e o Japão está preocupando muito algumas nações da Europa pelos interesses que tem no Oriente. Os Estados Unidos da America do Norte não se mostram menos preocupados com o caso e começam a mandar navios

para a costa da Asia. Representa esta fotografia um dos grandes couraçados americanos levantando ferro para seguir aquele destino, sendo grande o entusiasmo na America para que o governo deixe a attitude de quasi completa inação que mantem perante a guerra.



Como a Dinamarca manda pintar os seus navios para evitar que os tomem por navios das nações belligerantes e os metam no fundo.



Ultima defeza dos fortes de Przemysl, que depois de cinco mezes de resistencia
calu em poder dos russos



Um comboio de feridos austracos atravessando a cidade de Przemysl



OS LANCEIROS DE BENGALA PRECIPITAM-SE SOBRE OS ALEMÃES

As tropas colonias inglezas tem praticado actos de temeridade e valentia nauditas. Esta pagina representa um d'esse ano. Sem afrouxar essa correria louca, perseguiram os alemães mais de um kilometro, derrotaram-nos exterminaram-nos e voltaram ao acampamento ainda tão fóra de si, que não davam acôrdo do que se lhes dizia.

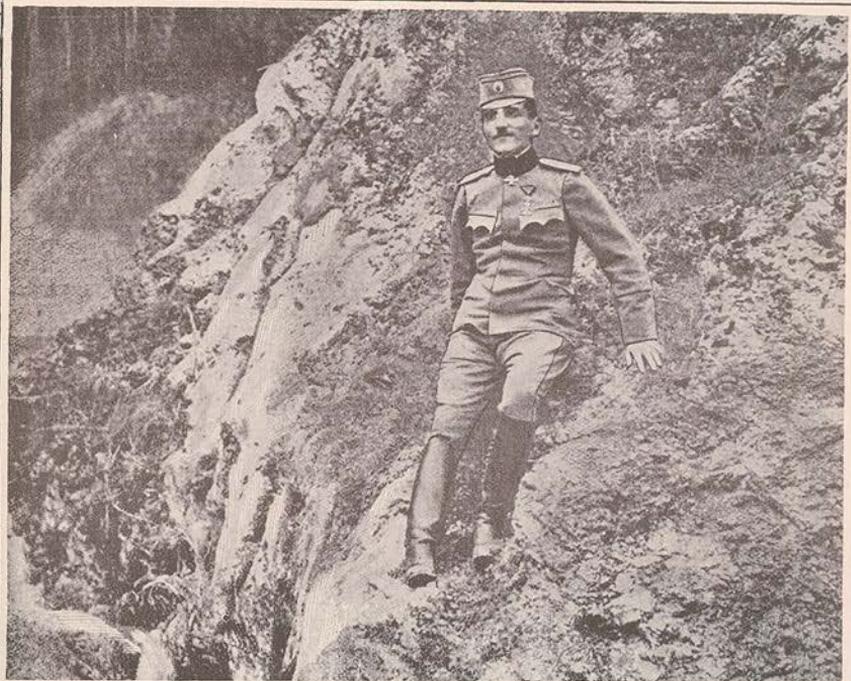
(The Sphere).



Em Belgrado, depois da rápida ocupação dos austríacos
(Fotografia tirada do interior do palácio real, demolido depois
do bombardeamento)



2 Pedro I, rei da Servia—3. Como os servios encontraram a cidade de Belgrado depois da ocupação austríaca.



Depois do bombardeamento de Belgrado, o príncipe Alexandre, regente da Servia, fotografa-se junto das ruínas de um dos fortes.



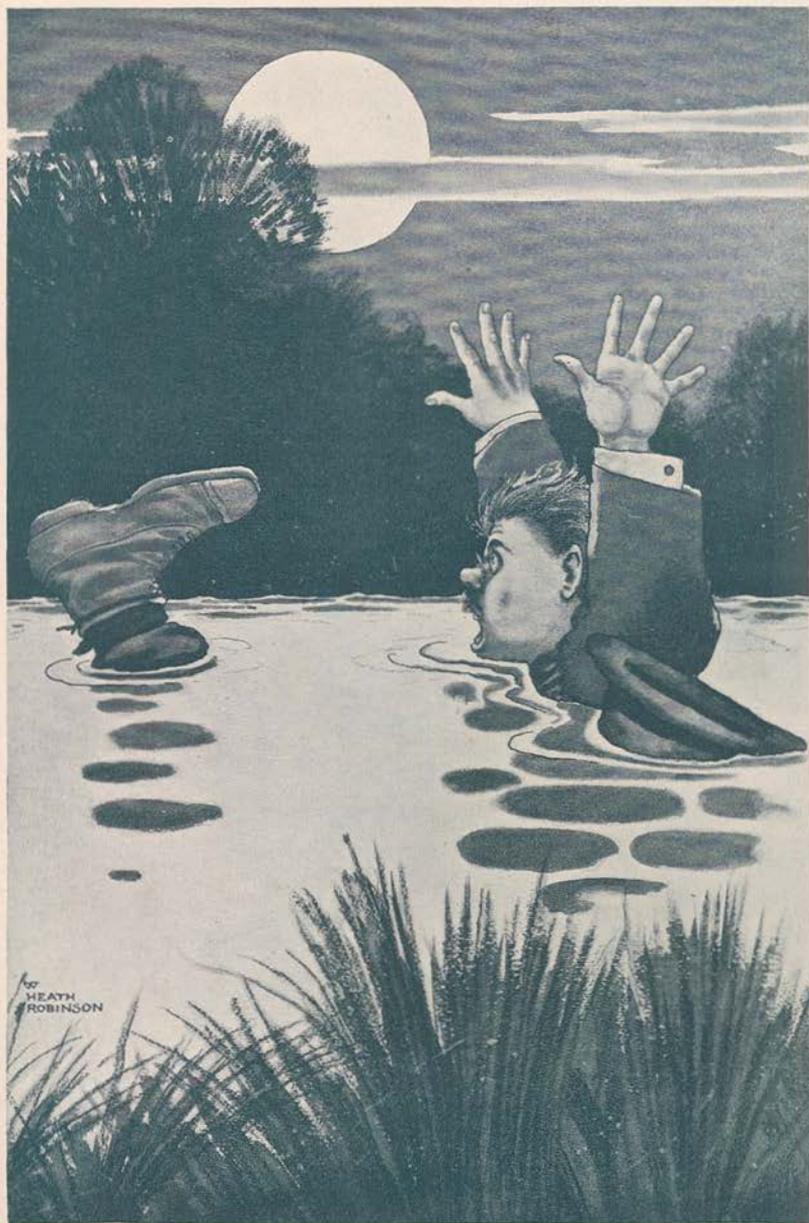
Cantando a *Marselhesa*, a infantaria franceza executa uma brilhante carga de baloneta contra os alemães na «Champagne»

Mudança de tempo



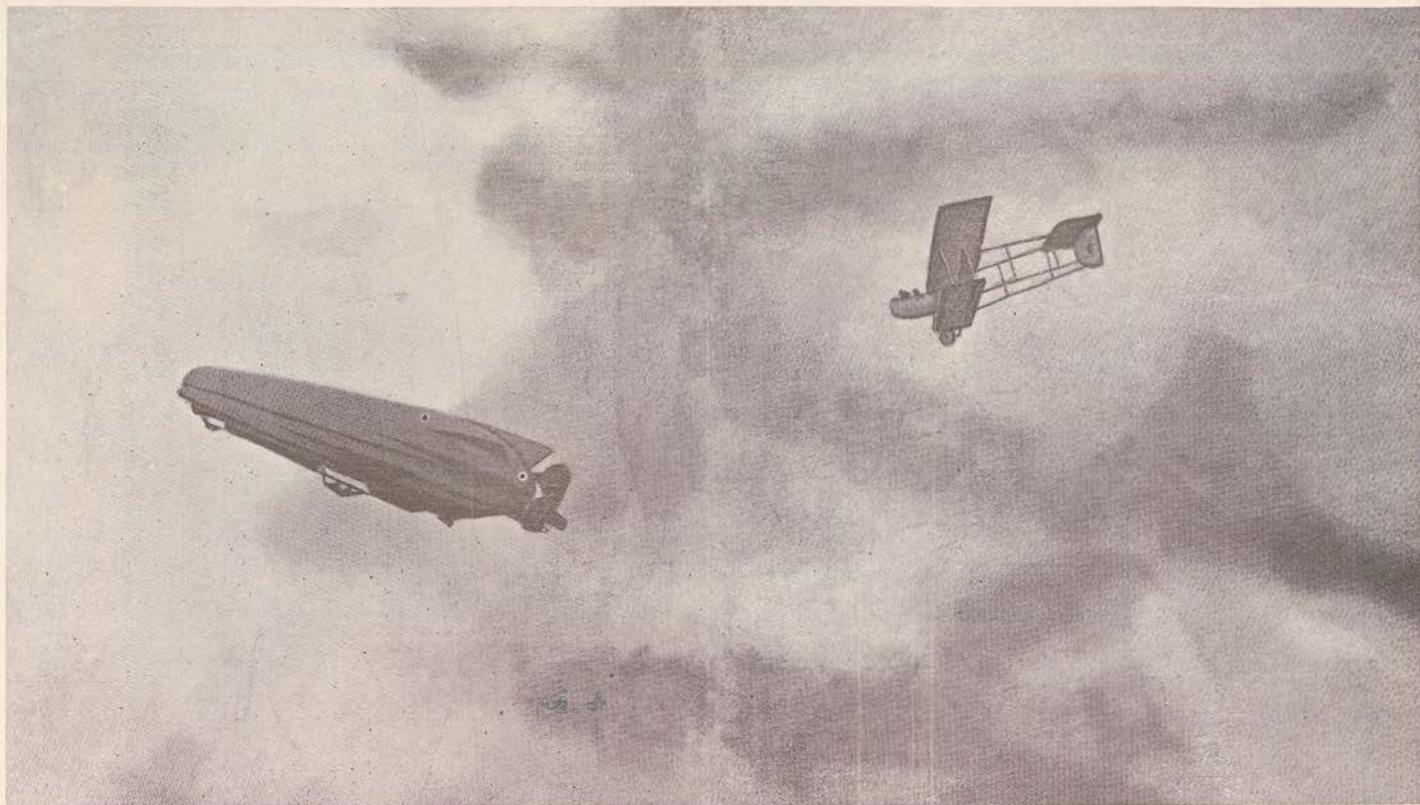
A Turquia:—Com seiscentos diabos! O barometro sobe e lá temos outra vez aquelas malditas esquadras a bombardear os Dardanelos. Não ha duvida! Devo estar muito satisfeito com a aihada em que me meteram os senhores alemães!!
(The Sketch).

PERISCOPOMANIA



Valha-me Deus, diz ele, ao cair no charco e reparando n'um dos seus pés fóra da agua: lá está o periscopio de um submarino alemão. Estou irremediavelmente perdido!

(The Sketch).



UM AEROPLANO FRANCEZ PERSEGUINDO UM "ZEPPELIN"

N'este curioso «cliché» tirado ao amanhecer de um dos aeroplanos francezes que perseguiram os

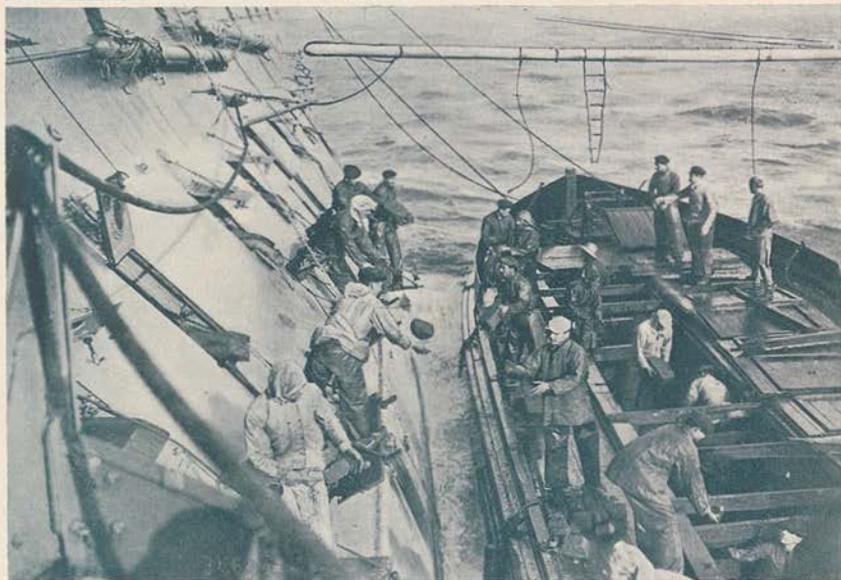
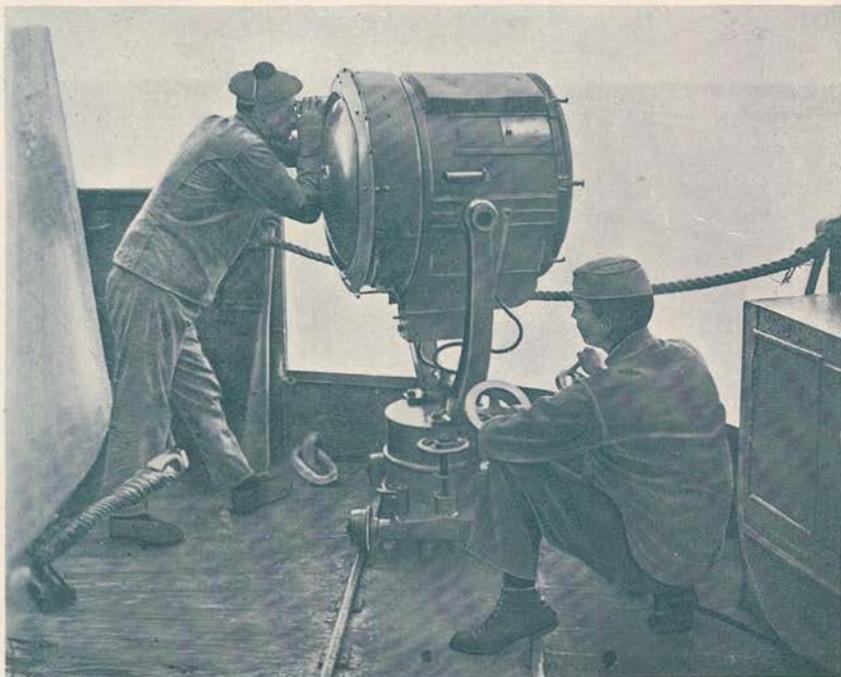
«Zeppelins» que fizeram o «raid» sobre Paris em 21 do mez passado, vê-se um d'estes procurando elevar-se

para fugir ao aeroplano mais perto que ainda o conseguiu atingir com alguns tiros.

(The Illustrated London News).



Fortificação moderna na linha ocidental:—*A* Linha de fortes intervalados; *B* Artilharia de defeza; *C* Posições de infantaria; *D* Supositorias; *E* Vias de comunicação e outras ligações; *F* Torre couraçada; *G* Torre couraçada, servindo de posto de observação; *H* Caserna; *I* Linha de fossos; *K* obstaculos diversos.

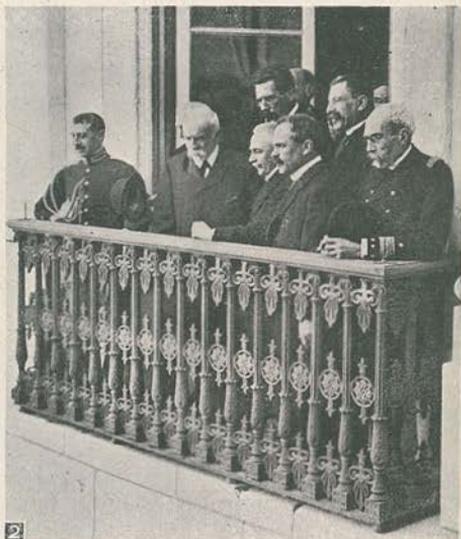


1. O projetor de um cruzador francez auxiliando os pescadores de minas no estreito dos Dardanelos
2. Um cruzador francez recebendo de um navio carvoeiro *briquettes* para atestar os seus porões de reserva
(Clichés M. Branger).



1 2. e 3. Como combatem os alemães nos Vosges: Vestem-se de branco para se confundirem com a neve e servem-se dos paus ferrados para fazerem a pontaria, andando sobre okiz para lhes facilitar o passo.

Manifestação de simpatia ao governo



Correu ordeiramente a manifestação feita ao presidente do ministerio, general sr. Pimenta de Castro, a quem foram entregues mensagens de adesão

aos atos politicos do ministerio atual. O sr. Pimenta de Castro agradeceu aos comissionados e prometeu fazer quanto pudesse em favor da patria.



1. O chefe do governo, general sr. Pimenta de Castro, com o sr. dr. Antonio José d'Almeida depois dos cumprimentos—2. O ministerio, a uma das janelas, vendo passar o cortejo — 3. O povo desfilaro deante do ministerio—(Clichés Benolle)

FIGURAS E FACTOS



O menino Luiz Madureira, de 7 anos, e a menina Antonia Madureira, de 5, dançando a *Morna*

A menina Maria Henriqueta Pissarra, que tomou parte no espectáculo infantil

O menino Amílcar Quintela e a menina Maria Lourdes Pissarra, dançando a *Morna*

No Coliseu da Beira, na cidade da Guarda, realizou-se uma festa de creanças em benefício da cantina escolar da mesma cidade. Todas as creanças que

n'ela tomaram parte foram muito ovacionadas, tendo deixado boas impressões o simpático espectáculo. (Cliches do distinto fotografo sr. Aires).

"Sanguineas" do professor Benarus



Inácio Peixoto



Lucinda do Carmo



Carlos dos Santos



Albertina d'Oliveira



O professor sr. Benarus



Maria Pia



Joaquim Costa

O sr. Adolfo Benarus, distinto e conhecido pintor, professor da Escola Industrial, onde tem dado belas provas de competencia, foi em Paris um dos discipulos prediletos do grande artista Ponnat.

A «Ilustração Portuguesa» publica hoje, do distinto pintor, algumas «sanguineas» da interessante coleção de retratos dos artistas do Teatro Nacional, que estiveram recentemente em exposição no salão do mesmo teatro.

Instituto Superior do Comercio

O SEU NOVO ESCRITORIO-MODELO

Em 29 de novembro de 1913 foi solenemente inaugurado, no antigo convento do Quelhas, o Instituto Superior do Comercio, como escola autonoma. Quem percorrer agora as instalações modernas do Instituto, as suas aulas alegres, espaçosas, inundadas de luz, em vão procurará descobrir os vestígios do que outrora fora o velho convento.

Em 1913 começou a funcionar o laboratorio químico, em que trabalham atualmente cerca de cem alunos.

Em 1914, foi franqueada aos alunos a Biblioteca, instalada n'uma sala ampla, arejada com todos os requisitos de comodidade e de conforto.

Finalmente, a inauguração do escritorio-modelo, no mez de março ultimo, marca um progresso importantissimo no ensino da nossa primeira escola de comercio. Ha muito tempo vinha sendo reclamado este melhoramento por todos aqueles que se interessam verdadeiramente pelo ensino commercial, que não deve orientar-se no espirito classico das universidades, impelindo os alunos para uma admiração exclusiva do passado.

O escritorio-modelo com os seus bancos, as suas casas commerciaes, portuguezas e estrangeiras, com escrituração e correspondência na lingua da nacionalidade respectiva tem a vantagem de familiarisar os rapazes com a actividade febril, que caracteriza modernamente a vida dos negocios.

A breve trecho, quaesquer dificuldades que sempre encontram entre nós as inovações hão de dissi-

par-se e então o escritorio-modelo, ainda mesmo, quando considerado isoladamente, será uma escola de iniciativa e de energia. Ora, estes dois requisitos são os elementos primordiales do exito, na combinação incessante de forças complexas, que é peculiar da carreira mercantil.

Alem d'isso, o rigor da linguagem commercial, a precisão que é necessario imprimir a todos os termos exigem uma pratica, sem a qual o ensino seria insufficiente.

Atualmente, o Conselho Escoar está estudando a instalação d'um grande muzeu commercial, que deixará de ser uma aspiração generosa para se converter n'uma realidade, logo que os recursos orçamentaes lh'o permitam. E' de crêr, porém, que a sua inauguração possa ser levada a efeito em 1916.

Sem querermos de modo algum ferir a nota pessoal n'esta noticia sobre um melhoramento no ensino, que reputamos de um grande alcance, em que cooperou todo o corpo

docente da escola, publicando o retrato do seu primeiro diretor, professor Luiz Feliciano Marrecas Ferreira e do seu sucessor, digno continuador da sua obra, o professor Severiano da Fonseca Monteiro, é nosso proposito prestar nas pessoas d'estes dois illustres homens de ciência, que honram a classe do professorado de ensino superior, a nossa homenagem a todos os membros do Conselho escoiar do Instituto Superior do Comercio.



O engenheiro sr. Severiano da Fonseca Monteiro.

O sr. Luiz Augusto Marrecas Ferreira.



Escritorio-modelo: Um grupo de alunos com o professor sr. Luiz da Silva Viegas.—(Cliché Benolle).

TOURADA NO CAMPO PEQUENO



Os srs. Carlos Viana e J. Segurado não podiam inaugurar com maior felicidade a nova epoca tauro-mauguica. No domingo, dia formosissimo de sol, Lisboa deixou *matinées* e concertos para se dar *rendez vous* na praça do Campo Pequeno, que estava cheia e animadissima, como raras vezes a temos

visto. Além dos artistas mais queridos do nosso publico, como os Casimiros, Cadete, Tomaz da Rocha, Luciano Moreira e Manuel dos Santos, tomou parte na corrida o *diestro* Saleri II, que é realmente um bandarilheiro de primeira ordem. O gado saiu regular e houve pegas magnificas.



1. O espada Saleri II passando de muleta—2. Um aspéto da assistencia

As Caldas da Fadagosa

Em um delicioso trecho do feracíssimo prado de Marvão, onde a natureza desperdiçou á flux as suas mais belas louçanias, erguem-se os edificios das Caldas da Fadagosa.

O dr. A. de Magalhães, ilustre proprietario d'essa estancia modelar, deve sentir-se orgulhoso ao contemplar o fruto da sua pujante atividade, porque o estabelecimento termal da Fadagosa ocupa hoje, entre os seus congeneres, um lugar de destaque.

Os inumeros atestados de doentes, que ali obtiveram uma cura radical, provam á evidencia o valor terapeutico d'aquelas aguas privilegiadas. Sumidades medicas as pre-

conizam tambem, e da analise quimica, firmada pelo abalissado professor Joaquim dos Santos Silva, ressaltam, em toda a sua grandeza, as vir-



A fachada do estabelecimento do lado norte

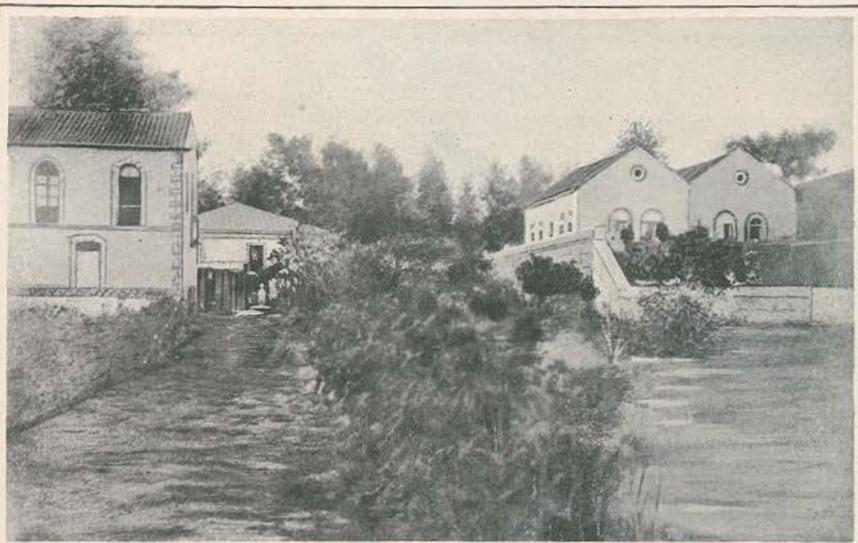
e encantador. O parque, formosissimo, ostenta uma vegetação luxuriante. Arvores de grande porte, pre-

tades medicinaes das aguas da Fadagosa. Alcalinas e fortemente radioativas, o seu uso impõe-se ao reumatismo, escrofulose, linfatismo, nas doenças das mucosas, do estomago, figado e intestinos, anquiloses e ulceras. Principalmente no reumatismo e doenças de pele, os seus feitos são maravilhosos!

No elegante balneario, alimentado por uma caudal de 40:000 litros nas 24 horas, ha amplas «cabines», providas de tudo o que a comodidade exige e a ciencia aconselha. O vasto hotel, o casino, com esplendidos salões de baile e o pavilhão onde foi instalada a «buvette», contam requintes de gosto e de conforto; e as inumeras construções, dispersas pela vasta explanada, oferecem um conjunto soberbo



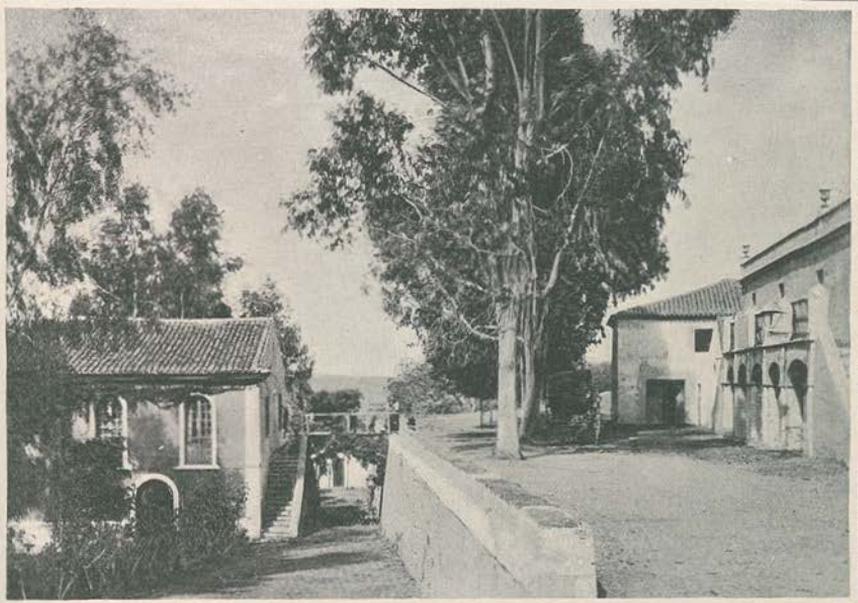
A mata do Lago



dominando o alamo, o platano, a faia e o eucalipto, formam um opulento maciço de verdura, cariciosa umbela que nos resguarda dos intensos calores do estio. Eu devo ao dr. A. de Magalhães o testemunho pessoal do meu respeito pelo seu fecundo trabalho, posto ao serviço dos martires da doença. E se é

bem a estima que merece todo o pessoal das Termas pelo disvelo e carinho que dispensa aos que se acolhem á sua hospitalidade amavel e fidalga.

Não devem hesitar os que necessitam um tratamento termal. Vão para a Fadagosa, e no sou



1. Vista geral Nrada do norte—2. Casino e pavilhões da 2.ª e 3.ª classes

grande a minha admiração pelas curas milagrosas operadas pelas aguas da Fadagosa, grande é tam-

espirito perdurará, largo tempo, a grata recordação dos beneficios colhidos.

Soares d'Albergaria

TEATROS



O sr. André Brun, autor da comédia *4.028 Lx.*, em cena no Ginásio



Sr.ª Mercedes Gry, atualmente no teatro Politeama



Sr.ª Gurina, atualmente no teatro Politeama

André Brun e O PRIMO ISIDORO, no Ginásio

André Brun realizou ha dias, no Teatro do Ginásio, a sua recita de autor da comédia *4.028 Lx.*—dando-nos n'essa noite de festa, a *première* d'um sainete seu, *O Primo Izidoro* e, entre outros elementos d'atração e de espirito, a leitura d'uma interessantissima conferencia sobre *O Riso no Teatro*.

André Brun disse coisas felizes e muito curiosas ácerca do riso—e ele, que é já hoje mestre da graça e da farça, fez-nos rir, dizendo-nos como se i e, mais adeante, com o seu ato novo, fez-nos chorar de alegria... á beira d'uma sepultura.

Alguem chamou ao *Primo Izidoro* a farça da morte. André Brun deu, de facto, n'essa pecinha de meia hora, a mais audaciosa prova que eu conheço das suas faculdades de humorista. Rir da morte, ou, melhor, rir dos vivos, a proposito da morte, é sempre uma coisa arriscada—mas rir d'essas coisas funebres deante da digestão d'uma plateia preconceituosa, burguezia, com *fumo* no chapéu e meio arratel de feijões no estomago, é simplesmente uma temeridade, em que só póde triunfar um poder de *verve* e de expontaneidade de espirito brilhantissimo.

Pois Brun fez essa fananha, digna de Courteline—e fel-a com uma naturalidade verda-

deiramente endiabrada e, o que é melhor, com um exito que é do mais elementar dever registrar e registrar com um grande prazer de camaradagem.

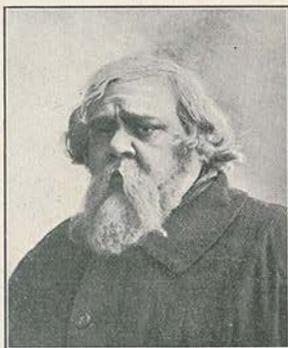
AS PILULAS DE HERCULES, no Politeama

Não aconselho V. Ex.^{as} a que as tomem—e, se teem uma grande candura d'alma, não aconselho mesmo V. Ex.^{as}, apesar de tudo, a que as vejam. E' um *vaudeville* francez, arranjado com uma certa vivacidade em hespanhol e representado com alguma alegria, bastante pobreza e muita vivacidade pela companhia Videgain.

Não queremos desmanchar prazeres—mas preferimos vêr as *tiples* na boa, na autentica, na castanholada e batida zarzuela. Aí, sim, é a Hespanha que nos dá a Hespanha! E' Sevilha. são as *Malagueiitas*, é o «viva tu madre e tu padre», é o pitoresco, são os olhos de Inez Garcia, a graça de Mercedes Gay e, que diabo!, são aquelas cabeleiras desafinadas e aquelas caracterisações d'açafrão que a gente já está habituado a vêr

na Andaluzia do teatro, mas que ainda não estamos acostumados a vêr em Royat e Paris. Para este genero parisiense são precisos mais *fraks*—e menos temperamento. Ora nós preferimos o temperamento—que de *fraks* anda a gente farto.

A. DE C.



O actor Chabi Pinheiro no *Velho Atsaciano*